

A TRADIÇÃO CRISTÃ E A MEMÓRIA COLETIVA NOS POEMAS “LIÇÃO” E “POEMA DE JOÃO”, DE NOÉMIA DE SOUSA

Mariana Soares dos Santos¹

Zilda Dourado Pinheiro²

RESUMO: Os processos coloniais nos territórios africanos foram permeados pela sistematização da violência física e simbólica sobre países vulnerabilizados. A construção de uma Literatura nesses países, com o tempo, significou o estabelecimento de uma conduta de revisionismo histórico e de apropriação da linguagem e da narrativa discursiva, foi o que aconteceu em Moçambique, a exemplo da obra poética de Noémia de Sousa. Nesse sentido, este artigo busca analisar dois poemas de Noémia de Sousa, “Lição” e “Poema de João”, destacando os aspectos da linguagem relacionados à tradição cristã europeia e à memória do território moçambicano. Para tanto, esse estudo baseia-se nos estudos acerca da memória coletiva e individual, bem como, sobre aspectos das narrativas africanas de língua portuguesa. O método utilizado foi o bibliográfico e constatou-se o conflito existente entre o pensamento colonial internalizado na memória moçambicana e os racismos opressivos que sufocam os eu-poéticos nos dois poemas. Dessa forma, conclui-se que a poesia de Noémia de Sousa, para além de refletir sobre o colonialismo português em Moçambique, mobiliza a Língua Portuguesa para atribuir protagonismo ao povo moçambicano secularmente excluído e às narrativas invisibilizadas pela colonização.

Palavras-chave: Memória coletiva. Noémia de Sousa. Literatura Africana.

CHRISTIAN TRADITION AND COLLECTIVE MEMORY IN THE POEMS LIÇÃO AND POEMA DE JOÃO, BY NOÉMIA DE SOUSA

ABSTRACT: colonial process in African territories were permeated by the systematization of physical and symbolic violence Against vulnerable countries. The construction of Literature in these countries, over time, meant the establishment of a conduct of historical revisionism and appropriation of language and discourse narrative, which is what happened in Mozambique, following the example of the poetic work of Noémia de Sousa. In this sense, this article analyzes two poems by Noémia de Sousa: “Lição” and “Poema de João”, highlighting aspects of the language related to the European Christian tradition and the memory of Mozambique territory. To this end, this paper is based on studies about collective and individual memory, as well as aspects of Portuguese-speaking African narratives. The method used was bibliographic and the conflict between the colonial thought internalized in mozambican memory and the oppressive racism that suffocates the poetic self in the two poems was verified. Thus, it is concluded that Noémia de Sousa’s poetry, in addition to reflecting on portuguese colonialism in Mozambique, uses the portuguese language to attribute protagonism to the secularly excluded Mozambican and the narratives made invisible by colonization.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. Possui Mestrado em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina - UEMASUL. É Especialista em Metodologias inovadoras aplicadas à educação e ensino de Língua Portuguesa, pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF. E-mail: mariana.santos@ufnt.edu.br.

² Professora efetiva do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Sudoeste (Sede em Quirinópolis). Pós-doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do CEFET-MG. Possui doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. E-mail: zilda.pinheiro@ueg.br.

Keywords: Collective Memory. Noémia de Sousa. African Literature.

Considerações iniciais

A colonização portuguesa no território africano instituiu um processo colonial imperativo, eurocentrado e profundamente violento, sentido fisicamente na escravidão de corpos negros e reproduzido secularmente pela simbolização de agressões internalizadas e precursoras de narrativas que promoviam a animalização e a inferioridade do africano como discurso (CORRÊA, 2021).

O desenvolvimento de uma Literatura Africana de Língua Portuguesa revelou um impasse complexo para os estudos literários africanos: como escrever uma Literatura que reflita a existência africana na língua do colonizador? Manuel Ferreira (1987) discorre sobre isso reelaborando uma expressão do escritor angolano Agostinho Neto que sugeria (re)africanizar os territórios colonizados pela coroa portuguesa. Manuel Ferreira vai além e reedita a sugestão do escritor angolano, trazendo para a discussão a necessidade de (re)nacionalizar esses territórios e sua linguagem. Era preciso se apropriar da língua portuguesa e (re)instrumentalizar a língua em prol de um movimento de reflexão e reivindicação da narrativa discursiva e literária nesses países.

Em Moçambique, uma das precursoras desse movimento de (re)africanização, (re)nacionalização, da língua e do território africano foi a poetisa Noémia de Sousa. Considerada a mãe dos poetas moçambicanos, Noémia de Sousa politizou sua literatura em prol da construção de um pensamento emancipatório e de uma estética literária que absorvesse a complexidade da estrutura política, social e cultural de Moçambique (CARVALHO; RIBEIRO, 2017).

Noémia de Sousa foi batizada como Carolina Noémia Abranches de Sousa. Ela nasceu em Catembe, cidade litorânea de Moçambique, no dia 20 de setembro de 1926. De acordo com Secco (2016), Noémia de Sousa publicou seu poema “Canção fraterna”, no Jornal da mocidade portuguesa, em Moçambique, no ano de 1948, o que inaugurou a sua trajetória literária como poetisa, além de aproximá-la da luta pela independência de seu país em relação à colonização de Portugal. Assim, a poesia foi a sua arma de combate, “a combatividade poética e política de seus poemas, assinados com as iniciais N.S. ou com o pseudônimo literária Vera Micaia, acarretou à autora o exílio” (SECCO, 2016, p. 13). Noémia foi exilada para Portugal, no ano de 1951. Também viveu na América e em Paris, sempre atuando como jornalista, poetisa e

tradutora, em prol da independência de Moçambique. A poetisa faleceu em 2002, na cidade de Cascais, em Portugal.

Secco (2016) apresenta uma característica peculiar da obra de Noémia de Sousa. A poetisa moçambicana publicou um total de 46 poemas, durante os anos de 1948 a 1951, em vários jornais importantes para o movimento de libertação de Moçambique, como o Jornal “O Brado Africano”. Também publicou em várias antologias poéticas. Contudo, Noémia de Sousa não quis organizar os seus poemas em livros, pois acreditava que os seus versos teriam maior alcance se estivessem presentes somente nos jornais, que tinham grande circulação entre a população de Moçambique.

Embora, para Noémia, um livro com seus poemas não fosse necessário à sua militância poética, para os estudiosos de sua poesia, as duas edições moçambicanas de *Sangue Negro* – a de 2001, pela AEMO, e a de 2011, pela Editora Marimbique, de Nelson Saúte – foram importantíssimas, pois cumpriram a tarefa de consagração da primeira poetisa das letras de Moçambique, considerada por Zeca Afonso, compositor e cantor de “Grândula Morena”, nas celebrações do 25 de Abril, “a mãe dos poetas moçambicanos”. Mãe, por ser a primeira voz feminina na poesia moçambicana a embalar os poetas que sucederam. Contudo, é como irmã, companheira de luta, que os sujeitos poéticos de grande parte dos poemas de *Sangue Negro* se impõem. Irmã, filha de uma África violada e aviltada durante séculos, cujos filhos foram vítimas de muitas discriminações e crueldades. Irmã, que denuncia os dramas do continente africanos (SECCO, 2016, p. 14).

No Brasil, o livro *Sangue negro* foi publicado em 2016, pela Editora Kapulana, em uma edição muito especial, com ensaios críticos e mensagens de escritores, poetas e artistas sobre Noémia de Sousa. Além disso, a “mãe dos poetas moçambicanos” tinha uma ligação muito forte com o Brasil, por meio de viagens para o país, de publicações na Revista Brasileira Sul, estabelecendo um diálogo muito rico com os escritores brasileiros. Essa paixão está expressa em alguns poemas, inclusive, Noémia escreveu versos em homenagem ao escritor brasileiro Jorge Amado, de quem foi uma grande admiradora.

Todas essas características de Noémia de Sousa e de sua poética destacam a importância de manter o legado de sua obra e amplificar a sua voz para as novas gerações de leitores, tanto os moçambicanos quanto os brasileiros. Tendo isso em vista, este artigo analisa dois poemas de Noémia de Sousa, “Lição” e “Poema de João”, destacando os aspectos da linguagem relacionados à tradição cristã europeia e à memória do território moçambicano.

A Literatura Africana de Língua Portuguesa como um lugar de luta e de memória

Paulina Chiziane em “Quem manda aqui”, conto que constitui a obra *As andorinhas*, diz que “O Poder é uma armadura invisível que eleva o espírito humano aos píncaros do absurdo” (2016, p. 5). Por longos anos, o poder sob todas as suas dimensões esteve condicionado à brutalidade da colonização portuguesa no território africano. A política expansionista europeia levou a coroa portuguesa ainda no século XV a instaurar um processo de colonização nos países africanos que incluía o acometimento de violências físicas e simbólicas sobre suas organizações social, cultural e política (GUSMÃO, 2006).

A chegada da coroa portuguesa e a instituição da colônia sob jugo europeu em Moçambique, Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, deu início a um processo de sufocamento cultural e silenciamento político nesses países. Permeados por racismos, por uma cultura de violência contra corpos pretos, a colonização portuguesa coordenou a opressão como instrumento político de integração (FERREIRA, 1987). No entanto, esse conjunto complexo de apagamento e escravização não foi capaz de deter os inevitáveis sentimentos de revolta e o desejo de reconquistar a própria autonomia nesses países. Como bem explica Stuart Hall:

[...] é que a África é o significante, a metáfora, para aquela dimensão de nossa sociedade e história que foi maciçamente suprimida, sistematicamente desonrada e incessantemente negada e isso, apesar de tudo que ocorreu, permanece assim. Essa dimensão constitui aquilo que Frantz Fanon denominou “o fato da negritude”. A raça permanece, apesar de tudo (2003, p. 40-1).

A relação conflituosa entre o colonizador e o povo africano escravizado acabou gerando tensões que são refletidas nas produções culturais, artísticas e literárias dos ditos países africanos de Língua Portuguesa (FERREIRA, 1987). De fato, nas sociedades etnicamente diversificadas, os forçosos processos de apropriação e assimilação recaem sobre a “[...] (re)construção e readaptação permanentes da cultura, entre as sendas do colonial e do pós-colonial, de maneira especial no caso dos indivíduos (des)enraizados na diáspora” (PEREIRA; SOUSA, 2016, p. 284). Nesse sentido, a assimilação do outro, o português, mesmo que em uma situação histórica de opressão e violência, se fez circunstancial para a produção artística/literária africana, uma vez que se somou a uma experiência de tensão e diálogo com os contrastes e conflitos refletidos nas figuras impostas e desenhadas pela colonização portuguesa (CABAÇO, 2009).

Segundo Terezinha Taborda Moreira (2023), é nesse cenário de profundas tensões sociais, políticas e culturais que a produção literária nesses países se iniciou, mediante a implementação de instituições burocráticas que exigiam o desenvolvimento de uma educação adequada aos objetivos da colonização portuguesa. Foi sob a dedicação de uma catequese religiosa que a educação nos países africanos de Língua Portuguesa se estabeleceu, e foi também mediante a influência de uma cultura fundamentada no eurocentrismo e na aversão a figura do “outro” colonizado que as narrativas nesses países corporificaram um discurso fetichista e legitimador do poderio português.

Como contraponto, Manuel Ferreira (1987) diz, em *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, que uma atitude reivindicatória e contestadora das fissuras deixadas pela colonização também se fez presente dentro da literatura africana de língua portuguesa. Um movimento-manifesto dentro dessa literatura iluminou os caminhos de escritores, artistas e ativistas sociais que buscaram, a partir do reconhecimento e valorização cultural desses espaços e territórios, uma forma de subverter as representações e estereótipos secularmente atribuídos ao africano (MOREIRA, 2023).

Assim, a Literatura Africana de Língua Portuguesa fortaleceu-se no século XX com o ensejo popular por liberdade e independência, a partir da produção dos escritores dos países africanos que eram colônias portuguesas (FERREIRA, 1987). O afastamento da figura do colonizador e o enfraquecimento português no território africano abriram espaços para que a literatura explorasse as perspectivas africanas de ver o mundo, até então sufocadas pela presença colonizadora: “Quando os escritores africanos puderam, enfim, escrever de si próprios, do seu povo e suas culturas é que foi possível conhecermos de fato o homem africano” (COELHO; OLIVEIRA, 2019, p. 136).

E foi no caminho de uma escrita que olhasse para o caos social em convergência com as tessituras da subjetividade humana que a poetisa moçambicana Noémia de Sousa se tornou uma referência dentro da Literatura Africana de Língua Portuguesa. Com uma poesia que visualiza a complexidade dos personagens que habitam espaços conflituosos e historicamente tensionados, Noemia enxerga os homens e mulheres moçambicanos a partir dos destroços deixados, herdados, por décadas de colonização e exploração forçada, mas sem nunca abdicar da sutileza da linguagem ou da dignidade que absorve e ergue seus personagens (CARVALHO; RIBEIRO, 2017).

Divergindo de um espaço cultural reservado à manutenção da autoridade patriarcal, Noémia de Sousa, além de ser uma poetisa de manifesto que usou a literatura para questionar os discursos da colonização e da degradação do território africano em face da violência

simbólica e material dos processos coloniais, também foi uma figura importante para a conquista feminina de espaços na cultura, na política e na literatura moçambicana, atuando como uma ativista importante para os direitos das mulheres e como uma poetisa que ajudou a consolidar um movimento literário fundamental para a África de Língua Portuguesa (COELHO; OLIVEIRA, 2019). Como bem definem Alice Aparecida de Carvalho e Eliane Ribeiro, “Noémia de Sousa é, sobretudo, uma expressão de arte” (2017, p. 2).

Entendendo a Literatura Africana de Língua Portuguesa, especificamente para este trabalho a moçambicana, como uma produção que possui como recorte histórico, em sua grande parte, os momentos pré-independência e independência, é essencial compreender que a Literatura desses países é constituída de rizomas, fundamentos, complexos advindos da relação com o passado recente da colonização (LEITE, 2016). O exercício do eurocentrismo como discurso e estrutura irrevogavelmente posicionou a literatura desses países em um espaço de tensão, e daí também emergem dicotomias que envolvem todo o pensamento por trás dessas produções literárias. A discussão sobre a permeabilidade de uma Literatura que encontra tantos pontos de conflito entre os resíduos de uma Literatura eurocêntrica e a promoção de uma Literatura africana circunda toda a teoria e a leitura que se faz das Literaturas africanas escritas em português. No entanto, vale ressaltar essa discussão sob a ótica apontada por Ana Mafalda Leite quando afirma que: “o necessário é tomar posicionamentos que permitam estabelecer a forma de re-negociar a teoria a partir de uma enunciação localizada, e com outra perspectiva, diferencial” (2016, p. 147).

No sentido da discussão levantada por Ana Mafalda Leite (2016), é importante compreender tanto a Literatura Africana de Língua Portuguesa quanto a moçambicana escrita por Noémia de Sousa como o resultado de uma construção social, cultural e literária costurada por contrastes inegáveis e consequência dos processos coloniais e da constituição do espaço do intelectual africano. Dessa forma, cabe entender que o fator histórico-social dessa produção literária exige uma reflexão pós-colonial para ler essa Literatura, em um lugar horizontalizado, em consideração aos atritos que envolvem as relações humanas e a construção da linguagem e da estética literária de um território africano descrito na língua do colonizador.

Com base nessas disposições, pode-se considerar a Literatura Africana escrita em Língua Portuguesa como um lugar de luta e de memória. Essas características são muito evidentes na poesia de Noémia de Sousa, pois os poemas mostram as ações dos moçambicanos engajados na busca por independência. Do mesmo modo, os versos criam um arcabouço de símbolos, de vivências, de emoções, de figuras heroicas, configurando uma memória do povo preto de Moçambique.

Nessa perspectiva, a leitura dos poemas de Noémia de Sousa nos leva para esse lugar histórico de Moçambique. Contudo, os versos continuam significativos no atual séc. XXI, pois a luta do povo preto é contínua e incessante, já que os mecanismos de opressão se modernizam na tentativa de perpetuar as violências da colonização. Nesse sentido, a poesia de Noémia de Sousa é uma memória e é uma resistência, como veremos adiante.

A memória na poética de Noémia de Sousa

De acordo com Fonseca e Moreira (2007), o jornalismo teve um papel fundamental na constituição da Literatura de Moçambique, principalmente no início do século XX, no decorrer da luta pela independência, movimento que teve Noémia de Sousa como uma de suas maiores combatentes, tanto que foi obrigada a partir para o exílio em 1951. A atuação militante de Noémia está materializada em seus poemas, publicados nos principais jornais de Moçambique, tais como “O Brado Africano” (1918). Os poemas têm como temática a denúncia do racismo e da violência dos colonizadores portugueses, a arte africana, a arte brasileira e as contradições da prática cristã. Já a estrutura baseia-se no verso livre, com a sintaxe da língua portuguesa e itens lexicais da língua rongo, assim como o uso de várias marcas de primeira pessoa do plural em seus poemas narrativos. Essas características permitem destacar aqui o papel da memória coletiva, na constituição de sua poética e de sua luta pela independência.

De acordo com Maurice Halbwachs (2006, p. 102), a memória coletiva é um pensamento contínuo de um grupo, mantido vivo por outras pessoas em suas ações, em seus valores e em suas vivências coletivamente compartilhadas em determinado espaço. Dentro desse contexto, a memória individual coloca-se como uma perspectiva, um ponto de vista, da memória coletiva, que, por sua vez, coloca-se como um movimento coletivo, uma continuidade daquilo que mantém um grupo unido em seu propósito.

Nessa visão, a memória coletiva se torna múltipla, pois um indivíduo pode pertencer a mais de um grupo social, cada qual com as suas vivências e valores. Em razão disso, Halbwachs (2006) defende a existência de várias memórias coletivas, em consideração à existência de vários grupos sociais. E aqui podemos chamar a atenção para a relação entre classe dominante e classe dominada no meio social, em que a elite consolida a sua própria memória e a estratifica na história, como única narrativa:

A memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem

de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, não ultrapassa os limites desse grupo. Quando um período deixa de interessar o período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: na realidade, há dois grupos que se sucedem. A história divide a sequência dos séculos em períodos, como distribuimos a matéria de tragédia em muitos atos (HALBAWCHS, 2006, p. 102).

Dessa maneira, na perspectiva de Halbwachs (2006), a memória coletiva é diversa, dinâmica e depende do movimento dos indivíduos e de suas conexões no interior de um grupo social, ao longo do tempo. A memória coletiva é da ordem da experiência compartilhada e de seus impactos na vida de cada membro desse grupo. É aqui que podemos entender a poética de Noémia como um registro de um conjunto de vivências do povo negro moçambicano em relação à colonização de Portugal. Aqui a experiência coletiva se configura como uma memória materializada nos versos de Noémia e compartilhada pelos jornais produzidos pelos movimentos de libertação de Moçambique. Tal prática tensiona a história, no sentido de colocá-la à prova em sua imparcialidade colonial.

Nessa mesma linha de pensamento, Jacques Le Goff (1996, p. 473) defende que a memória coletiva tem sido considerada como uma forma de pressionar a história tradicional, no sentido de demonstrar como a percepção de determinado fenômeno histórico pode ser manipulado na memória coletiva. Dessa maneira, esse tensionamento permite a ascensão de várias memórias coletivas, em que cada grupo social pode ser capaz de contar as suas próprias narrativas, trazendo assim as suas perspectivas dos fatos históricos. Por isso que, para Le Goff (1996, p. 476), a memória coletiva é instrumento de poder, pois pode consolidar a voz de um grupo social, uma vez que: “São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória” (LE GOFF, 1996, p. 476).

Com base nessas disposições, Le Goff (1996, p. 476) considera a memória coletiva como um elemento essencial da identidade de um indivíduo e de seu grupo social. É aqui que podemos destacar o papel do jornalismo e da literatura na luta pela independência de Moçambique porque essas publicações ajudaram a construir o lugar do negro como porta voz de suas vivências, a partir do momento em que ele denuncia toda a violência do racismo e da colonização portuguesa e luta pela liberdade.

Para Le Goff (1996), esse movimento de construção de memória coletiva por grupos sociais permite o desenvolvimento de uma nova historiografia, pois abre o questionamento a

respeito da história oficial, de cunho tradicionalista e de seus efeitos na vida social. A partir disso, pode-se compreender a literatura e o jornalismo como dois pontos de conflito na vida social de Moçambique, antes da independência. Dentro desse contexto, os versos de Noémia de Sousa trazem à tona narrativas novas sobre as relações entre brancos e negros, sobre certos eventos históricos, sobre as emoções do povo negro, sobre as artes e sobre o contato com outras ex-colônias, como é o caso da intensa interação da escritora com o Brasil e com a literatura modernista brasileira. Ainda assim, destaca-se nessa poética o pioneirismo da autora na Literatura de autoria feminina:

Os afetos na poética de Noémia vão da repulsa e do ódio ao amor e à esperança, da angústia e da solidão à indignação e à solidariedade, da vergonha e da humilhação à rebeldia e à coragem. A voz enunciativa prima por um derramamento de sentimentos que leva a mulher oprimida a buscar recuperar sua dignidade. Falando da margem, dos bairros periféricos de Lourenço Marques, antiga capital moçambicana no tempo colonial, o sujeito lírico feminino se rebela contra o abuso sofrido pelas moças das docas, encaradas como objetos sexuais pelos colonizadores, cuja posse empreendida não foi só da terra, porém, também, dos corpos dessas negras, tratadas, quase sempre, de forma exótica e subalterna (SECCO, 2016, p. 16).

Essa denúncia da condição da mulher negra na colônia pode ser interpretada como a construção de uma memória das mulheres para que estas possam se congregam na dor e se fortalecer para a superação do sofrimento em busca de uma vida digna. Essa memória configura um duplo tensionamento, primeiro na ordem social imposta pelos portugueses e segundo, na Literatura, na apropriação das tecnologias de escrita, de edição e de publicação para que a voz feminina ganhe espaço na sociedade.

Outro elemento importante que merece destaque é a expressão poética dos poemas de Noémia de Sousa. Boa parte da sua poética tem como composição os versos livres, contando narrativas. A sintaxe é a da Língua Portuguesa, mas o léxico apresenta palavras da língua rongo e da língua inglesa. Desse conjunto, podemos considerar que a presença da narratividade e da língua rongo materializam uma interface entre a memória coletiva e a ancestralidade.

Esse entrelugar é onde o passado e o presente tensionam-se na projeção de um futuro para Moçambique. A presença da ancestralidade convoca a África em sua pluralidade para resistir à imposição e à aculturação portuguesa. É o passado remoto que mostra ao africano que ele existe para além da colonização. A memória coletiva é a congregação do povo negro em suas dores, em suas angústias, em suas potências para a construção do seu futuro. E é por isso que Noémia de Sousa é considerada como a mãe dos poetas moçambicanos.

A influência da tradição cristã na memória dos poemas “Lição” e “Poema de João”

Os poemas “Lição” e “Poema de João” são poemas narrativos e apresentam um eu-poético atravessado pela dor do racismo e pela revolta do silenciamento imposto à memória de seu povo, como uma coletividade, no que se refere à tradição cristã. No poema “Lição”, Noémia de Sousa faz uma reflexão importante sobre os racismos internalizados no (in)consciente social que, por sua vez, corroboram para o fortalecimento da reprodução do racismo estrutural e da discriminação racial, ainda recorrentes na contemporaneidade. Já o poema “Poema de João” apresenta a narrativa de um jovem revolucionário, morto na sua luta pela liberdade de Moçambique, por meio de um lamento da voz coletiva diante da brutal perda de seu herói.

No poema “Lição”, o eu-poético sinaliza a religiosidade cristã como a base dos valores sociais e da educação, como se vê nos verbos em pretérito perfeito seguidos do pronome oblíquo “lhe” das duas primeiras estrofes do poema.

Ensinaram-lhe na missão,
Quando era pequenino:
“Somos todos filhos de Deus; cada homem
é irmão de outro homem!”
Disseram-lhe isto na missão,
Quando era menino
(SOUSA, 2016, p. 69).

Percebe-se a evocação de uma terceira pessoa do plural, coletiva, impositiva, que apresenta os ensinamentos fundamentais para a harmonia entre carne e espírito que perpassam a palavra de Deus. A passagem bíblica reforça que a igualdade é uma premissa universal e básica para a construção do homem de fé, em harmonia com Deus. O ensino maior da bíblia é que todos, sem exclusão, seriam filhos do mesmo pai, sem distinção, mas essa afirmação já é quebrada quando as referências exteriores ao poema são acionadas, pela evocação do pronome pessoal da terceira pessoa do singular - “Ele”.

Naturalmente,
Ele não ficou sempre menino:
cresceu, aprendeu a contar e a ler
e começou a conhecer
melhor essa mulher vendida
- que é a vida
de todos os desgraçados
(SOUSA, 2016, p. 69).

Dessa maneira, o efeito de sentido criado pelo uso do pronome oblíquo “lhe” com o pronome pessoal “Ele” reforça a ideia de imposição de um grupo hegemônico sobre um indivíduo dissidente. Essa imposição é cristã e se coloca como uma ilusão na última estrofe, quando esses pronomes dão lugar a dois substantivos: Homem e Negro.

E então, uma vez, inocentemente
olhou para um Homem e disse Irmão...
Mas o Homem pálido fulminou-o duramente
com seus olhos cheios de ódio
e respondeu-lhe: “Negro”
(SOUSA, 2016, p. 16).

Logo as desigualdades seculares despontam na memória de quem lê estes versos, o que evidencia, à primeira vista, que a escolha dessa passagem bíblica é um contraponto à própria realidade social. A mesma coletividade ensina uma igualdade social e impõe uma segregação racial. O poema denuncia um discurso de segregação racial, pois há uma oposição entre o ser homem e o ser negro, de modo que somente a parcela da sociedade masculina, branca e cristã pode reivindicar o seu status de igualdade entre si. Essa visão de mundo se consolida na prática da violência racial, quando o Homem pálido enuncia a palavra negro, de maneira bastante violenta e pejorativa, destituindo o outro de sua humanidade e de seu lugar de igualdade na irmandade cristã.

Interessante pensar a influência religiosa, cristã, no poema de Noémia de Sousa. Como bem aponta Manuel Ferreira (1987), a imposição de uma crença religiosa eurocentrada, como é o caso do catolicismo, foi fundamental para o aparelhamento de um pensamento colonialista que, em tese, traz um discurso histórico de salvação e liberdade por uma ótica ocidentalizada e branca, em que as figuras sacras, seus personagens, reproduzem o fenótipo e os valores ideológicos europeus. Nesse sentido, ainda é relevante pensar o impacto do cristianismo e suas religiões em um território notoriamente diversificado étnico e religiosamente. Observar isso em concordância com a sedimentação do processo colonial nas estruturas políticas e na memória coletiva dos povos africanos é importante para compreender as tensões construídas nas relações entre a figura do colonizador e do africano colonizado.

A narrativa do poema “Lição” encontra pontos de semelhança com outro poema de Noémia de Sousa. De acordo com Secco (2016), “Poema de João” integra um conjunto de poemas em homenagem a João Mendes, companheiro de luta da Noémia pela causa da libertação do povo negro em Moçambique e nos demais países do continente africano. Logo, o poema percorre a história de João, um sujeito que enxerga o futuro, privilégios de poucas

peças negras nessa sociedade. João é confundido no decorrer do poema com a própria história de Moçambique, na verdade, Moçambique se personifica na figura de João que é essa figura agregadora, que deseja se libertar de toda e qualquer amarra imposta pelos colonizadores portugueses. No entanto, o espírito livre desse sujeito é dissipado e perdido. Ele é subtraído por forças exteriores, as mesmas que silenciam os que lutam contra um sistema social opressivo e racista. Como se vê nas seguintes estrofes:

E perguntamos:
 Mas por que nos levaram João,
 e João que era jovem e ardente como nós,
 João sedento de vida,
 João que era irmão de todos nós?
 Por que nos roubaram João
 que falava de esperanças e madrugadas,
 João que tinha olhar de abraço de irmão,
 João de palavra forte e dura como uma lança,
 João que tinha sempre alojamento para qualquer de nós,
 João que era nossa mãe e nosso pai,
 João que seria Cristo por nós,
 João que nós amávamos e amamos
 João que é tão nosso?
 Oh por que nos roubaram João?
 (SOUSA, 2016, p. 107).

Aqui, mais uma vez, é possível perceber uma oposição de vozes. A primeira voz é a de uma coletividade opressora representada pelo pronome oblíquo átono “nos”, aqui ressaltando a ação promovida por eles, enquanto os colonizadores agentes da violência. A voz em oposição é a de um grupo oprimido representado pelo pronome possessivo de primeira pessoa do plural “nosso”, aqui representado pelo eu-lírico. Além disso, a comparação de João com Cristo evidencia a influência da tradição cristã, aqui configurando João como um mártir, um homem que se sacrificou pela liberdade do povo de Moçambique. Nesse poema, portanto, há a construção da narrativa de um mártir, somada à expressão da dor e da revolta de sua perda, por parte de seu povo.

Além disso, “Poema de João” faz uma homenagem ao legado de João Mendes. Noémia de Sousa demarca o seu heroísmo na memória coletiva do povo moçambicano, destacando a permanência de suas lições de liberdade, de emancipação, de amor e de união, após a sua morte. É um poema muito comovente, principalmente no paralelo estabelecido entre a narrativa de João com a narrativa de Jesus Cristo, já que ambos se tornaram referência de fé e de luta pela liberdade entre os membros de sua comunidade.

Desse modo, os poemas “Lição” e “Poema de João” dialogam entre si e compõem uma memória do povo de Moçambique, durante a colonização portuguesa, especificamente no que se refere à influência do cristianismo em seu meio social.

No poema “Lição”, o eu-poético faz uma distinção entre a infância e a vida adulta. Ele discorre sobre como na infância essas mensagens são absorvidas com mais facilidade, mas com a maturidade, as incoerências das ações humanas saltam aos olhos dissipando a ingenuidade e a simplicidade da vida. A mesma perspectiva é exposta em “Poema de João”. Existe uma força violenta que tira todos os desejos do eu lírico nos dois poemas. Ao mesmo tempo, esse eu está em busca de forças para resistir a essas violências e conseguir viver. Essa força está na coletividade e na expressão poética da dor.

No poema “Lição”, o conflito é gerado pelo confronto entre a realidade exterior e os preceitos bíblicos de igualdade. A realidade histórica e discursiva aponta que nem todos são tratados igualmente. Nas palavras do eu-poético, a vida é uma “vendida”, corrompida pelos pecados humanos e que recai sobre todos os seres oprimidos. Essa leitura dialoga com o destino de João em “Poema de João”, já que essa mesma vida corrompida que mata os sonhos negros interrompe a trajetória de João, silenciando-o.

Em consideração ao contexto social de Moçambique, os poemas analisados mostram que a liberdade é um privilégio historicamente atribuído a uma minoria herdeira do colonialismo. Para a grande massa negra e africana, que sofreu com os flagelos de um processo colonial violento e cruel, essa liberdade passa ter uma busca diária, por meio de muita luta contra as heranças do passado colonial.

Considerações finais

Este trabalho analisou a relação entre a tradição cristã e a memória coletiva nos poemas “Lição” e “Poema de João” da poetisa moçambicana Noémia de Sousa. Os pronomes destacados nas análises dos dois poemas mostraram o conflito existente entre um grupo social opressor branco e cristão e um grupo social negro e africano. Esse conflito materializa-se nesses poemas a partir da pressão social exercida pelo cristianismo ao violentar a humanidade do povo negro, ao mesmo tempo em que esse povo resiste ao construir a sua memória coletiva.

Essa leitura em “Lição” é sustentada pelos versos finais do poema em que o eu-poético recorre a uma lição religiosa de igualdade entre os filhos de Deus e é alertado pelo ódio e pelo racismo de que essa igualdade não é comum a todos. O mesmo ocorre em “Poema de João”, o silêncio que se estabelece com a ruptura da história de João é sinalizado como efeito do mesmo

ódio apresentado no poema “Lição”. Ambos os poemas mostram a violência como um elemento feroz de consolidação dos processos de escravização e colonização eurocêntrica, aos quais o território moçambicano foi submetido.

Dessa forma, compreende-se que a poesia de Noémia de Sousa reflete sobre as heranças do colonialismo português nas estruturas sociais moçambicanas. Essa expressão poética também denuncia as práticas violentas da tradição cristã, como mais um mecanismo de consolidação do racismo. Soma-se a isso a construção de uma memória coletiva, em que as figuras heroicas do povo africano possam estar registradas nos poemas para evidenciar a história africana contada na perspectiva do povo preto.

Referências

CABAÇO, José Luis. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARVALHO, Alice Aparecida de; RIBEIRO, Eliane. Noémia de Sousa, a “cantadora dos esquecidos” na Moçambique colonizada (1948-1951). *Revista (Entre Parênteses)*. Minas Gerais, v 6, n 2, p. 1- 15, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/808>. Acesso em 15 de out. 2023.

COELHO, Cláudia; OLIVEIRA, Jaqueline. A resistência poética em Noémia de Sousa. *Mosaico*, Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 135-151, 2019. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/view/615>. Acesso em 20 de out. 2023.

CORRÊA, Almir Aquino. *A formação das literaturas africanas em português*. Londrina: (o Autor), 2021.

CHIZIANE, Paulina. *As andorinhas*. Belo horizonte: Nandyala, 2013.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1987.

FONSECA, Maria Nazareth; MOREIRA, Terezinha. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio*, (16), 13-72, 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/issue/view/884>. Acesso em 25 de nov. 2023.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. *Os Filhos da África em Portugal: Antropologia, multiculturalidade e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. Perspectivas teóricas e críticas nas literaturas africanas & a perspectiva pós-colonial. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial, p. 142-149, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4052>. Acesso em 08 de nov. 2023.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1996.

MOREIRA, Terezinha Taborda. A escrita e a oralidade em estudos críticos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-16, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/93057>. Acesso em 19 de nov. 2023.

PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley; SOUZA, Francisca Zuleide Duarte de. Diáspora, exílio e memória nas literaturas africanas em língua portuguesa. *Miscelânea*, Assis, v. 19, p. 283-302, 2016. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/67/66>. Acesso em 23 de nov. 2023.

SECCO, Carmen Lucia. Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana. In: SOUSA, Noémia. *Sangue negro*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

SOUSA, Noémia. *Sangue negro*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

Recebido em: 13/01/2024.

Aceito em: 26/04/2024.